

Pe. José Agostinho de Figueiredo Sousa
e confrades da Província Portuguesa

Caríssimo Pe. José Agostinho e caríssimos confrades,

Sinto mesmo muita pena de não poder estar convosco na grande festa da vossa e nossa Província Dehoniana de Portugal. Agradeço convosco o Pai da misericórdia pelo entusiasmo destes 50 anos de serviço ao Evangelho do amor. Para vós, é uma grande oportunidade para agradecer; para nós, na Itália, é uma ocasião para recordar que somos constantemente chamados a gerar vida à nossa volta, a vida boa do Evangelho.

Convosco, quero fazer memória e agradecer, certamente pela presença generosa já no longínquo 1946 dos primeiros confrades italianos, Pe. Ângelo Colombo e Pe. Gastão Canova, mas de modo especial pela abundância de bênçãos que o Senhor nunca fez faltar no trabalho deles e no de quantos – inicialmente, sobretudo italianos, mas, depois e em crescente número, portugueses – tornaram possível a floração de obras grandiosas e a colheita de vocações, também enriquecidas com o carisma do episcopado de alguns confrades que, de diversas maneiras, percorreram juntamente conosco parte do caminho.

A história da Província Portuguesa também faz parte da nossa história de Província Italiana, que soube estar aberta, e ainda hoje continua a estar, embora percorrendo caminhos diferentes dos do passado remoto e recente.

Como escreveu o Pe. Fernando Fonseca no nosso *CUI*, no passado mês de junho, antecipando a memória da celebração jubilar, “*em Coimbra, bravos sacerdotes italianos, bons e simples, chamados Padres do Coração de Jesus, homens de coragem e de fé, deram início, nos anos '50, à fundação, crescimento e consolidação da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos), com simplicidade, disponibilidade, dedicação, capacidade de trabalho e o entusiasmo de pioneiros, animados de grande coragem e fé ardente*”.

Aquela inicial sementeira, cujos frutos estão hoje à vista de todos, pede que se agradeça a Deus e aos homens que nela se empenharam. “*Com um novo estilo de vida religiosa e sacerdotal, – escrevia o Pe. Fernando – os Dehonianos integraram-se bem em Portugal, no respeito e estima dos portugueses. Inspirados na vida e obra do seu Fundador, Padre Dehon, e dos seus imediatos sucessores, que os tinham formado, os primeiros Dehonianos chegados a Portugal caracterizaram-se por uma grande devoção ao Coração de Jesus e um ardente espírito missionário, características dos portugueses desse tempo, juntamente com a piedade eucarística, a devoção a Nossa Senhora e às almas do Purgatório. Com notável dinamismo, criatividade, cordialidade e zelo, realizaram as suas iniciativas em vista da formação dos missionários, da instrução e apoio à juventude, da pastoral social e paroquial e da animação espiritual das comunidades religiosas femininas*”.

A história dos jogos da Providência, em que se incluem a entrega da Missão de Moçambique à Província Italiana por parte da Santa Sé e as leis do Governo Português de então, aceitando apenas missionários de Institutos que tivessem seminários em Portugal, tornaram possível um tal crescimento e tais resultados.

Os que, de entre nós, já de uma certa idade, conservam no tesouro das suas recordações períodos, mais ou menos longos, passados em várias casas de Portugal, no Continente ou nas ilhas, na docência ou no ministério pastoral, ou ainda jovens, na função de prefeitos, todos eles enriqueceram a memória dos seus dias com a fraternidade vivida entre vós e convosco. O mesmo vale para os que passaram pelo noviciado de Albisola, pelo Escolasticado de Monza, pelo Studentato de Bolonha, pelo Colégio Internacional de Roma, ou deram a sua colaboração no Centro Geral de Estudos Dehonianos ou, por fim, foram missionários em Moçambique e Angola, ou participaram em Capítulos e Conferências Gerais.

Sabemos que, precisamente nos dias a seguir ao Natal de 1946, os Padres Colombo e Canova, chegados onde os primeiros missionários destinados a Moçambique (os Padres Comi, Pizzi, De Ruschi e Pezzotta) já se encontravam para estudar português, hóspedes dos Salesianos, enquanto esperavam navio para a Madeira, foram a Fátima, para rezar e se inspirar antes de partir para a *Pérola do Atlântico*, a Madeira, que, com o Funchal, foi de certo modo o berço da fundação Dehoniana em Portugal com os primeiros “apostolinhos”.

O salto para o Continente deveu-se a uma outra jogada da Providência com a entrega à Congregação, em 1951, da igreja italiana de *Nossa Senhora do Loreto*, onde foi criada a primeira comunidade continental em Portugal, ponto de apoio para os missionários que partiam, lugar de socialização para a comunidade italiana da cidade, centro de confissões e direção espiritual para fiéis, sacerdotes e religiosos/as. E como não recordar o bom Pe. Ângelo Favero, afectuosamente considerado o “Cura d’Ars” da Província?

Não é o caso, porém, de, nesta ocasião, me alongar sobre a história, que outros poderão fazer com maior conhecimento e competência, para enriquecimento e edificação comuns. Talvez seja mais importante, à distância do tempo, sublinhar como o evoluir das obras nos sucessivos decénios foi expressão de um projecto luminoso, que, enquanto no hoje punha as bases da Obra, já olhasse para um futuro de autonomia, que, neste momento, se concretiza na celebração jubilar. Com a criação da Região a 12 de outubro de 1954, sete anos depois da chegada dos primeiros Dehonianos, e a sucessiva elevação a Província em 27 de dezembro de 1966 (já então forte dos seus 83 religiosos e com o Pe. António Colombi como primeiro Superior Provincial), os vinte anos de intenso trabalho tinham a sua coroação, fruto de coragem, de fé na Providência e zelo pelo Reino do Coração de Jesus.

Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Funchal, Açores, Algarve, Alfragide, *Seminário de Nossa Senhora de Fátima* de Ermesinde, são nomes conhecidos também aos Dehonianos italianos menos anciãos, graças aos intercâmbios entre *Secretariados da Atividade Missionária* e da *Animação Juvenil* das Províncias. Abrem-se novos caminhos de colaboração a nível missionário, juvenil, formativo e de acolhimento de muitos migrantes e prófugos que atravessam os caminhos do nosso Continente. Seria bom que esta ocasião jubilar se transformasse num novo impulso missionário, que nos encontre, como Províncias irmãs, empenhados conjuntamente no serviço do Reino de Deus nas nossas sociedades. Seria importante que, cada qual no que lhe cabe, se interrogasse sobre como apoiar e incrementar o hoje e o futuro, como individuar e

coordenar iniciativas e acções comuns para o bem das nossas Províncias, da Congregação, da Igreja na Europa e na Missão *ad gentes*.

O próprio desenvolvimento da *Família Dehoniana* (leigos amigos, institutos de vida consagrada, movimentos e associações) é fruto de colaboração, mas pode tornar-se uma ulterior fonte de novas oportunidades, que nos abrem ainda mais ao nosso mundo.

Nesta ocasião jubilar, é pois legítimo, como diz a Escritura, fazer

“o elogio dos homens ilustres,

dos nossos antepassados através das gerações.

[...] Homens de fé; as suas boas obras nunca foram esquecidas.

Na sua descendência permanece uma excelente herança.

A sua posteridade é fiel às alianças e, graças a eles, seus filhos também.

A sua descendência permanece para sempre e não será esquecida a sua glória”

(Sir 44, 1ss).

Para concluir, sirvo-me de um sugestivo pensamento de J. E. Franco (*História da Província Portuguesa dos SCJ*, p. 36), onde diz que *“a história da fundação e desenvolvimento da Província Portuguesa SCJ é, à sua maneira, um poema épico do seguimento radical de Cristo, marcado pela coragem, pela audácia, pela sabedoria, pela dedicação generosa e pela confiança na Divina Providência”*.

Se, portanto, pioneiros, estabilizadores e novas gerações *“forem uma presença refrescante e revitalizadora, partilhando abertamente a sua espiritualidade e o seu modo de viver, sabendo meter em conjunto as sinergias de várias partes para desenvolver as obras e os seus objectivos apostólicos...”*, criando grupos e movimentos, aceitando colaboradores, semeando o Evangelho e oferecendo *“a força do amor que provém do Coração de Cristo”* (*ibidem*), só nos resta hoje, como talvez nos pudesse sugerir o Padre Dehon, dizer modestamente *Magnificat, Deo gratias, Miserere*.

Pe. Oliviero Cattani, scj
Superior Provincial ITS

Bolonha, 17 de dezembro de 2016
primeiro dia da Novena de Natal.